

PAISAGEM DA VINHA DO PICO - ANTES E DEPOIS DA FILOXERA. PERSPETIVA ECONÓMICA E SOCIAL

MARIA MACIEL*

Resumo: Se a ilha do Pico, aos olhos de quem a vê, se distingue no arquipélago pela força telúrica da sua juventude, pela sua imponência e pelo esplendor da sua presença, foi também aquela que, devido à constituição geológica recente, mais dificuldades ofereceu à fixação humana, em particular a zona ocidental, coberta de grande manto de lavas. Mas foi precisamente nesses terrenos petrificados, de que eram donos, em grande parte, as famílias abastadas e as ordens religiosas estabelecidas no Faial, fazendo-se representar à distância por um feitor que as mãos do homem do Pico construíram um modelo arquitetural único de muros de pedra, formando currais e outras estruturas, com objetivos bem definidos, onde a cultura da vinha, já experimentada com sucesso na zona sul da ilha, acabaria por vingar e florescer, dando-se início ao mais longo ciclo económico da sua História.

O vinho que aí se produzia sempre em crescendo – o Verdelho – era de alta qualidade, e exportado em grandes quantidades, quando em meados do século XIX, as pragas vinícolas do oídio e da filoxera atingem dramaticamente as vinhas. Tudo mudou de repente. Dos milhares de pipas passou-se apenas a centenas. Os proprietários das terras, subitamente arruinados, venderam-nas ao desbarato, sendo adquiridas pelos feitores e antigos trabalhadores das vinhas que, na busca de soluções consentâneas, após vicissitudes várias, na procura exigente da qualidade vinícola, acabariam por ser os continuadores daquela cultura, transformando-a no que ela é hoje.

* Licenciada em História, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Mestrado em Estudos Portugueses - Literatura e Cultura Portuguesas Contemporâneas. Doutorada em Cultura Portuguesa séc. XX, pela Universidade Nova de Lisboa. Investigadora do CHAM da mesma Universidade. Investigadora do CITCEM/FLUP.

Se a história da vinha do Pico viveu crises e mudanças profundas, de emigração e de abandono, o trabalho feito em pedra sobreviveu a todas as intempéries, vulcões e terremotos. Ficou o modelo arquitetónico, então construído harmonicamente, pedra a pedra, pelas mãos do homem, num esforço e persistência dignos de louvor, a distinguir a paisagem da vinha do Pico, herança de inigualável preço, testemunho de um valor cultural único, reconhecido e distinguido justamente como Património Mundial da UNESCO.

Palavras-chave: Paisagem da cultura da vinha – antes e depois da filoxera; Perspetiva económica e social

Abstract: If Pico Island, to the eyes of those who look at it, can be distinguished itself in the archipelago by the telluric force of its youth, by the majesty and splendor of its presence, it was also the one that, due to its recent geological constitution, more difficulty offered to people settlement, particularly in the western zone, covered by large lava fields. But it was precisely in these petrified lava fields, whose owners were in large part, the rich families and religious organizations established in Faial, represented in Pico by a person of their trust, that Pico's man hands, built a unique architectural model of stone walls, forming *currais* and other structures, with very well defined goals, where the culture of the vineyard, already tried with success in the Southern part of the island, would eventually avenge and flourish, giving origin to the longest economic cycle of Pico's History.

The wine produced there, – Verdelho – started increasingly every day. It was one of high quality, and exported in large quantities, when in the mid-nineteenth, the plagues of oidium and phylloxera dramatically affect the vineyard. Suddenly everything changed. From thousands of vines it started to be only hundreds. The landowners, suddenly ruined, started selling it almost for free, being acquired by the ancient foremen and former workers of the vineyard who, in the search for solutions, and winery quality, would eventually became in the followers of that culture, turning it into what it is today.

If the history of Pico's vine went through several crises and deep changes, since emigration and abandonment, the work done in stone survived to all storms, volcanoes and earthquakes. Remained the architectural model, harmoniously built, stone by stone, by the hands of man, in an effort and persistence worthy of praise, where the landscape of Pico vineyard, inheritance of unparalleled value, recognized and distinguished precisely by the UNESCO as World Heritage.

Keywords: Landscape of Vineyard Culture – before and after phylloxera; Economic and social perspective.

PAISAGEM DA VINHA DO PICO - ANTES E DEPOIS DA FILOXERA. PERSPETIVA ECONÓMICA E SOCIAL

O Pico é a mais bela, a mais extraordinária ilha dos Açores, duma beleza que só a ela lhe pertence, duma cor admirável e com um estranho poder de atração. É mais que uma ilha – é uma estátua erguida até ao céu... moldada pelo fogo.

Raul Brandão, *Ilhas Desconhecidas*.



Fig. 1. A Ilha do Pico entre nuvens e luz. Foto: Pedro Silva

Se a ilha do Pico, aos olhos de quem a vê, se distingue no arquipélago dos Açores pela imponência, pela força telúrica da sua juventude, pelo esplendor da sua presença, foi também aquela que, devido à sua constituição geológica recente, mais dificuldades ofereceu à fixação humana.



Fig. 2. A Ilha do Pico vista do lado Sul. Foto: Pedro Silva

Se a busca dos primeiros povoadores eram as terras de pão – terras que produzissem trigo – o que poderiam eles esperar de uma ilha diferente de todas as outras do arquipélago, ilha «montuosa, medonha e incultivável»¹, coberta de pedra vulcânica. Ilha que depois de descoberta e povoada acrescentaria ainda mais terras de lava a zonas de início com possibilidades cerealíferas, como veio a acontecer depois das erupções vulcânicas de 1572, 1718 e 1720. Ilha que muitos anos após o povoamento, em 1924, levaria Raul Brandão a dizer quando a olhava mais de perto, à medida que o barco em que ia se aproximava: tudo lhe parecia «negro e disforme, requeimado e negro, devorado por todo o fogo do inferno»².



Fig. 3. Formação lávica na zona Oeste
Gabinete Técnico do Centro de Interpretação da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico – Arquitecta Mónica Goulart



Fig. 4. Lavas resultantes da erupção de 1720 - Mistério da Silveira
Gabinete Técnico do Centro de Interpretação da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico – Arquitecta Mónica Goulart

¹ CHAGAS, 1717.

² BRANDÃO, 2011: 93.

Se é uma ilha distinta das demais quer a nível geológico quer histórico, se impressionou quem a viu ao longo dos tempos, e ainda hoje sensibiliza quem a vê, o que diríamos de quem nela viveu nos tempos idos, e dela arrancou o «pão» com o suor do seu rosto? Esse «pão» feito de cereais inimagináveis e que tomou várias formas desde o seu começo, como relata o nosso primeiro historiador Gaspar Frutuoso, nas *Saudades da Terra*, em 1591: «É toda a terra desta ilha mui áspera e muita parte dela coberta de biscouto, sem ribeira alguma que corra (...) Come esta gente muito pouco pão por o não dar a terra; seu principal mantimento é abobras (...)»³.

Todavia, devido à heterogeneidade do seu solo, o povoamento começou, na segunda metade do século XV, pela zona mais fértil, primeiramente a Sul da ilha, seguindo-se o Norte e, só por fim, a vertente Oeste do Pico, porque esta área coberta de lava e com falta de água não estimulava o interesse de fixação. Tal viria a acontecer mais tarde, devido à experiência de plantio de videiras com êxito nos primeiros terrenos povoados e que experimentadas aqui seriam determinantes na vida e na economia da ilha.



Fig. 5. Currais de pedra onde cresce a vinha
Gabinete Técnico do Centro de Interpretação da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico – Arquitecta Mónica Goulart

Fig. 6. A Ilha e o reticulado dos currais

Gabinete Técnico do Centro de Interpretação da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico – Arquitecta Mónica Goulart



³ FRUTUOSO, 1591: 302-303.

Se a cultura da vinha é contemporânea da chegada dos primeiros povoadores, o gosto pelo vinho é muito mais antigo. São vários os registos que nos documentam de tal apreço, desde a Antiguidade, quer apanágio das Civilizações Clássicas, Grécia e Roma que até criaram deuses em sua honra – Dionísio e Baco –, quer dos povos da Antiguidade Oriental, como podemos atestar nos registos bíblicos, e particularmente no significado e respeito que o mesmo teve depois, e ainda hoje tem, na liturgia cristã.

Quanto à introdução da cultura da vinha na ilha Pico, deve-se a Frei Pedro Gigante a aquisição dos primeiros bachelos que, importados da ilha do Chipre – embora haja quem aponte que teriam vindo da ilha da Madeira – a experimentou num lugar ao sul da ilha, na área da sua moradia, e a rodeou de silvas, ficando o lugar conhecido por Silveira, nome que mantém até hoje.

E a implantação teve sucesso nesta primeira zona de povoamento pois, como nos diz também o já citado historiador: «Em toda a terra há muitas vinhas, que dão bom vinho, e melhor que em todas as ilhas»⁴. Falando de uma das primeiras freguesias do sul da ilha – Santa Bárbara das Ribeiras, escreve: «há muita quantidade de vinhas, que darão cada ano mil e duzentas pipas de bom vinho»⁵.

E continua, no que respeita à vila das Lages propriamente dita: «há nesta freguesia muitas vinhas que vão em muito bom crescimento». Fala ainda da exportação de vinho a partir da Vila de S. Roque, «onde se carrega... muitas pipas de vinho... mais de setecentas dele cada um ano»⁶.

Se o sucesso de plantação das videiras nas primeiras áreas povoadas é notório, há que experimentá-lo na zona mais ocidental da ilha, a mais recente geologicamente falando, e a mais pedregosa de todas, e que por isso mesmo ofereceu maior resistência ao povoamento e a qualquer cultura, tal era a abundância de lavas petrificadas. Todavia é precisamente aí que a vinha acabaria por vingar, e de se organizar de forma intensiva – as melhores vinhas existem em territórios que não servem para mais nada – e simultaneamente, de modo extensivo, estende-se desde os barrancos do mar até à altitude onde foi possível os bachelos se adaptarem.

Partindo daquele grande espaço de lava vulcânica, quanto trabalho foi preciso para que das pedras brotasse o vinho! Primeiro houve que ordenar o território de acordo com as suas características, com as exigências da cultura da vinha e com o conforto dos proprietários.

Assim, junto à linha da costa, estabelecem-se as famílias abastadas, proprietárias das terras e que viviam a maior parte do tempo no Faial, as ordens dos Franciscanos, Carmelitas e Jesuítas que aí exploravam a cultura da vinha. Nesse espaço assentam as suas casas solarengas e as demais construções de apoio: arrecadações, lagares, alambiques, adegas e, não raras vezes, instalações para os que vinham de longe para aí trabalhar temporariamente.

Aqueles proprietários, que só vinham no verão ao Pico, tinham na ilha feitores, encarregados das explorações vitivinícolas que os representavam e superentendiam os trabalhadores nas diversas atividades.

⁴ FRUTUOSO, 1591: 303.

⁵ FRUTUOSO, 1591: 302-303.

⁶ FRUTUOSO, 1591: 292.



Fig. 7. Casa Solarenga
Gabinete Técnico do Centro de
Interpretação da Paisagem da
Cultura da Vinha da Ilha do Pico
– Arquitecta Mónica Goulart



Fig. 8. Ermida de São Mateus.
Cabrito - Santa Luzia
Gabinete Técnico do Centro de
Interpretação da Paisagem da
Cultura da Vinha da Ilha do Pico
– Arquitecta Mónica Goulart



**Fig. 9. Adegas com Poço de Maré
em frente**
Gabinete Técnico do Centro de
Interpretação da Paisagem da
Cultura da Vinha da Ilha do Pico
– Arquitecta Mónica Goulart

Seguia-se uma vasta faixa que chegava a atingir uma légua de grandes latifúndios onde se instalavam as vinhas dispostas em currais, bem defendidas por paredes altas, que se alongavam em comprimento. Conforme a dimensão, dividiam-se em jeirões, separados por muros e junto deles corriam veredas transversais – servidões – onde desembocavam as canadas. Encostadas umas às outras elas representam a estrutura fundamental de uma vinha, isto é o elemento modelar da sua organização, repetido uniformemente.

No outro extremo, depois da grande faixa das vinhas, em altitude, era o espaço onde morava a população.

O modelo arquitetural que hoje vemos não foi feito ao sabor do acaso. Foi obra da sabedoria popular com preocupações e objetivos bem definidos: abrigar as videiras da ventania, nas suas diversas fases de crescimento e maturação. E fizeram-no construindo muros de pedra, retirada do solo, emparedando a vinha em retículas – os ditos currais – de modo que a protegesse do vento e, ao mesmo tempo, lhe desse acesso ao sol, beneficiando a entrada dos raios solares. E assim esta ilha no meio do mar, feita de um manto de lavas vulcânicas com características únicas, tornou-se num *habitat* peculiar para a cultura da vinha, uma vez que o basalto é rico em potassa, sílica, ferro e magnésio.

O microclima absorve as chuvas e condiciona os ventos. As pedras negras do solo captam os raios solares e forjam um clima quente e seco. Assim as videiras crescem, recebendo durante o dia a energia solar necessária à maturação dos cachos, acumulando energia e calor que durante a noite transferem para as vinhas.

É nesta larga área murada com paredes dobradas, formando no essencial currais continuamente repetidos, que a vinha é plantada, normalmente três pés. Para os poder plantar houve por vezes que quebrar o basalto, outras buscar terra à distância e, quanta vez, foi necessário trazê-la da ilha em frente, quando não a havia nas proximidades.

Vencendo mais uma vez a natureza, foi forçoso perfurar a rocha envolvente, mais fundo, para satisfazer uma necessidade básica, a água, essencial para a vida e para o abastecimento diário. Para tal construíram-se poços de maré, quer nas casas senhoriais quer no cruzamento dos caminhos vicinais.

Houve também que fazer caminhos. Alguns que ainda agora nos interpelam, foram-se fazendo naturalmente. São fundas regueiras sobre mantos de lava, com a marca dos rodados dos carros de



Fig. 10. A importância do Poço de Maré no abastecimento da população

Gabinete Técnico do Centro de Interpretação da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico – Arquitecta Mónica Goulart

bois. Outros feitos de pedra pela mão do homem. Nas paredes destes caminhos faziam descansadoiros, isto é, paredões reforçados com pedras maiores que permitiam aos homens ajudarem-se sozinho aos cestos e às celhas de uvas que transportavam para o lagar.



Fig. 11. Rilheiras - Sulcos inde-léveis na paisagem
Gabinete Técnico do Centro de Interpretação da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico – Arquitecta Mónica Goulart

Outra tarefa árdua foi, na falta de um porto de escoamento, talhar a picão, junto ao mar, embarcadouros precedidos de *rola pipas*, onde embarcavam os cascos de vinho para a ilha do Faial. Era daí que seguiam para o mundo, exportados em grandes quantidades, para o Brasil, Índia, Alemanha, Inglaterra, tendo também chegado à Rússia.



Fig. 12. Rola Pipas
Gabinete Técnico do Centro de Interpretação da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico – Arquitecta Mónica Goulart

O vinho que se produzia, então sempre em crescendo – o Verdelho – era de alta qualidade. A ilha tornara-se a «mãe do vinho», «toda ela se desfaz em vinho tão precioso»⁷, vinho que ficaria por muito tempo na memória. Evocado com apreço muito mais tarde – por Almeida Garrett, «O rescen-

⁷ CORDEIRO, 1717.

dente Pico» ou por Vitorino Nemésio, emprestando a sua voz a uma personagem de *Mau Tempo no Canal*: «Tinha ali no cofre um vinho do Pico de 1820 que era um veludo»⁸.

Vivia-se do vinho e para o vinho que proporcionava uma qualidade de vida até então não atingida, dando origem ao maior ciclo económico que suplantaria o dos cereais e do pastel que lhe precederam. A cultura da vinha tornara-se a maior fonte de lucro e de emprego. A propósito diz-nos um investigador contemporâneo, que só «na poda das vinhas da Candelária e da Preguiça o morgado José do Canto utilizou, em 1849, 505 trabalhadores (...)»⁹.

Para além deste contingente de obreiros que um latifundiário utilizava, de que apenas damos um por exemplo, havia outros especializados: carreiros, tanoeiros, cesteiros alambiqueiros, e tripulantes de barcos que levavam milhares de pipas de vinho para o Faial todos os anos.

Quando, por volta de 1850, atingia o Verdelho o pleno desenvolvimento, e no auge de produção, de um vinho distinto pelos seus atributos, conseguido através da mistura de castas selecionadas, o ciclo económico que se iniciara nos finais do século XVI ou inícios XVII, o mais longo de todos, vai quebrar-se. Os responsáveis são as pragas do oídio e da filoxera que atingem as vinhas de forma dramática, ditando o fim do ciclo.

Tudo muda de repente. Dos milhares de pipas passa-se apenas a centenas. Os proprietários das terras, subitamente arruinados, venderam-nas ao desbarato, sendo adquiridas pelos feitores e antigos trabalhadores das vinhas que, a pouco e pouco, compram os terrenos daqueles. Dos latifúndios passa-se aos minifúndios. Os novos donos constroem agora as suas casas, mais próximo do mar e as adegas passam a ser na linha da costa onde até então praticamente só existiam os solares.

A conjuntura profundamente alterada que afetou vários sectores da vida de então, quer a nível económico, fundiário, quer social, obrigando à emigração, causou uma grande baixa na população da ilha. Os que ficaram procuraram soluções consentâneas de sobrevivência na busca de outras castas vinícolas, uma vez que o verdelho não se readaptava. Por volta de 1870, foi introduzida a casta americana *Isabella*, resistente às pragas e que acabaria por vingar aqui e em todo o arquipélago. Produzia em abundância o vinho de cheiro, muito embora sem a qualidade do anterior.

Um salto qualitativo deu-se com a criação da Cooperativa Vitivinícola da Ilha do Pico – inaugurada em 1961, pela Junta Nacional do Vinho, com a preparação do Verdelho para aperitivo. Seguiram-se experiências várias, na procura exigente de outras castas com maior qualidade vinícola. Lançaram-se outras marcas, a partir de castas europeias, tais como *Terras de Lava*, *Basalto*, *Pico* e o *Lajido* que é feito com Verdelho. Atualmente, o licoroso *Csar* produzido por Fortunato Garcia é o melhor exemplo seguido pelos rótulos da Cooperativa.

⁸ NEMÉSIO, 2014: 86.

⁹ DUARTE, 2001: 93.



Fig. 13. Museu do Vinho do Pico - Madalena

Gabinete Técnico do Centro de Interpretação da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico – Arquitecta Mónica Goulart

Apareceram novas empresas como a *Azores Wine Company*; a *Buraca* e a *Curral Atlantis*.

Como testemunha de uma História vivida, em 1999, após a reconstituição e recriação da casa dos Frades Carmelitas, na vila da Madalena, inaugura-se neste espaço o Museu do Vinho que representa e testemunha um dos momentos mais importantes da economia da ilha.

Em 2010 é inaugurado o Centro de Interpretação da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico, no Lajido de Santa Luzia, onde se explicam os elementos naturais e culturais desta Paisagem.

Se a história da vinha do Pico viveu crises e mudanças profundas, de emigração, de abandono e de várias tentativas de recuperação, o trabalho feito em pedra ultrapassou todas as fronteiras e sobreviveu a todas as intempéries, vulcões e terremotos. Ficou o modelo arquitetónico, então construído harmonicamente, pedra a pedra, pelas mãos do homem, num esforço e persistência dignos de louvor, a distinguir a paisagem da vinha do Pico, herança de inigualável preço, testemunho da força e engenho das suas gentes, de um valor cultural único, reconhecido e distinguido justamente como Património Mundial da UNESCO.



Fig. 14. Paisagem da Vinha - Lajido da Areia Larga

Gabinete Técnico do Centro de Interpretação da Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico – Arquitecta Mónica Goulart

FONTES

Arquivo dos Açores (1878-1959). Ponta Delgada: Universidade dos Açores, 1980-1984. 15 vols. Edição fac-similada da edição original.

BIBLIOGRAFIA

- BRANDÃO, Raul (2011) — *As Ilhas Desconhecidas. Notas e Paisagens*. Maia: Quetzal Editores.
- CHAGAS, Frei Diogo das (1989) — *Espelho Cristalino em Jardim de Várias Flores*. Angra do Heroísmo: SREC.
- CORDEIRO, Padre António Cordeiro (1981) — *História Insulana das Ilhas a Portugal Sujeitas no Oceano Ocidental*. Angra do Heroísmo: SREC. Edição fac-similada da edição de 1717.
- COSTA, Ricardo Manuel Madruga da (1998) — “Nas rotas do Verdelho” e outras evocações. “On the Verdelho Route and the other evocations”. In «Concelho da Madalena». São Roque: Publiçor, p. 45-50.
- ____ (2004) — *Uma perspetiva na Vitivinicultura da Ilha do Pico nas duas primeiras décadas do século XIX*. In Actas do III Colóquio O Faial e a Periferia Açoriana nos Séculos XV a XX. Horta: Núcleo Cultural da Horta, p. 109-133.
- ____ (2005a) — *Os Açores em finais do regime de Capitania Geral 1800-1820*. Câmara Municipal da Horta. Vol. I.
- ____ (2005b) — *Os Açores em finais do regime de Capitania Geral 1800-1820*. Horta: Núcleo Cultural da Horta/Câmara Municipal da Horta. Vol. II.
- ____ (2015) — *Relevância das exportações de vinho do Pico na economia dos Açores nas duas primeiras décadas do século XIX*. «Boletim do Núcleo Cultural da Horta», 24. Horta: Núcleo Cultural da Horta, p. 207-261.
- COSTA, Susana Goulart (1997) — *Pico. Séculos XV-XVIII*. Lajes do Pico: Associação de Municípios da Ilha do Pico.
- DUARTE JR, Tomaz (2001) — *O Vinho do Pico*. Ribeira Grande: Coingra, Lda.
- FRUTUOSO, Gaspar (1978) — *Saudades da Terra*. Ponta Delgada: Instituto Cultural dos Açores. Livro VI.
- GUERRA, Rodrigo (1980) — *A Americana*. Angra do Heroísmo: DRAC. Coleção Gaivota/8.
- LARANJO, João Augusto (1927) — *O Pico*. «Brotéria». Lisboa: Brotéria, p. 33-53.
- MACEDO, António Lourenço da Silveira (1981) — *História das Quatro Ilhas que formam o distrito da Horta*. Angra do Heroísmo: SREC, 3 vols. Edição fac-similada da edição de 1871.
- MARCELINO Lima (1943) — *Anais do Município da Horta*. Famalicão: Oficinas Gráficas Minerva.
- MENESES, Avelino Freitas de (1998) — *O Município da Madalena (Pico), subsídios para o seu estudo*. Madalena: Câmara Municipal da Madalena.
- NEMÉSIO, Vitorino (2014) — *Mau Tempo no Canal*. Santa Maria da Feira: Relógio D'Água.
- RAVINA, Agustín Guimera (1986) — *Las islas del vino (Madeira Azores y Canarias) y la América inglesa durante el siglo XVIII: una aproximación a su estudio*. In *Coloquio Internacional da Ma-*

deira, 1986. Funchal: Direção Regional da Cultura, vol. II, p. 900-934.

ROSA, Nunes da (1998) — *Madrugada entre ruínas*. Horta: Câmaras Municipais do Triângulo.

SANTA RITA, António José Vieira (1867) — *Relatório do Governador do Districto Administrativo da Horta*.

SILVA Manuel Ribeiro da (1951) — *A Ilha do Pico sob o ponto de vista vitivinícola*. «Boletim da Comissão Regularizadora dos Cereais do Arquipélago dos Açores», n.º XIV. S.l.: s.n, p. 45-58.

SOUSA, João Soares de Albergaria e (1995) — *Corografia Açórica: descrição física política e histórica dos Açores*. Ponta Delgada: Jornal de Cultura. 1ª edição 1822.

SOUSA, Paulo Silveira e (2004) — *Para uma história da vinha e do vinho nos Açores*. «Boletim do Instituto Histórico da Terceira», vol. LXII. Angra do Heroísmo: s.n, p. 115-217.

VELOSO, Ana Luísa (1988) — *A Ilha do Pico e a paisagem dos muros negros*. Horta: Direção Regional de Turismo.

LINK

<<http://siaram.azores.gov.ptpatrimónio/cultural/vinhas-pico/intro.html>>.